

dia

Não há dúvidas de que a economia está em ascensão

Carlos Thadeu de Freitas
economista-chefe da CNC

ECONOMIA

Economia - Brasil

070

Marolinha

No início da crise, o presidente Lula previu o impacto

Natalia Pacheco

Muitos economistas e banqueiros não acreditavam na recuperação brasileira depois da crise financeira internacional. Mas, ao que tudo indica, as opiniões hoje são outras. Segundo especialistas, o país iniciou uma retomada no início do segundo trimestre deste ano e deve crescer cerca de 2% em relação aos primeiros três meses de 2009.

A economista da Tendências Consultoria, Marcela Prada, por exemplo, diz que o comércio brasileiro já recuperou o patamar pré-crise e prevê alta de 0,3% de abril a maio deste ano. O ritmo positivo do varejo no período deve-se ao corte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos, materiais de construção civil e eletrodomésticos e a retomada de crédito no mercado, em função das sucessivas quedas de juros.

Os responsáveis pelo aquecimento seriam o consumo das famílias e os pacotes fiscais do governo, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o de habitação Minha Casa, Minha Vida.

O economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio, Carlos Thadeu de Freitas, é um dos que atribuem a queda da desaceleração da massa salarial à alta do consumo. A estabilidade dos salários, nesse caso, só foi possível por causa da queda dos preços.

— Não há dúvida de que a economia está em ascensão. O Produto Interno Bruto (PIB) deve fechar entre 0 e 1% neste ano. O que é excelente diante do cenário internacional — analisou.

A outra explicação para o bom posicionamento do país diante do colapso econômico, que muitos consideram ser o pior desde a crise de 1929, é a menor abertura do Brasil ao mercado externo e o fato de mais da metade das exportações brasileiras ser de commodities.

Piores efeitos já passaram

Os piores efeitos da turbulência já não estão mais presentes na economia brasileira, de acordo com Leonardo Mello, analista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Um deles é a redução dos estoques das indústrias. O economista conta que o estoque de veí-

Redução de estoques e demanda externa são sinais de recuperação

culos já acabou e que os de bens intermediários — que envolvem os setores de metalurgia e siderurgia — estão próximos do fim.

A melhora da demanda externa é outro fator citado como importante para a recuperação da economia.

— As vendas externas do Brasil aumentaram por causa da melhora na pauta de exportações da China, que consome matérias-primas e investe em infraestrutura — diz Mello.

A estabilidade no mercado de trabalho também é mencionada como responsável pelo aquecimento da economia brasileira, com a manutenção dos empregos mostrando

que o empresário retomou confiança nos mercados interno e externo.

Recuperação ainda lenta

Ainda há dois setores que demonstram dificuldade de recuperação: investimento e indústria. Na verdade, “um puxa o outro”, ressalta o analista do Ipea.

A tese é de que, como as indústrias ainda estão se desfazendo dos estoques, há folga na capacidade produtiva do segmento. Com isso, o setor não investe em infraestrutura e na captação de mão-de-obra.

— As indústrias devem voltar a investir no segundo semestre com a recuperação da demanda externa. Mas a capacidade de investimento só vai voltar aos níveis pré-crise em 2010 — prevê Mello.

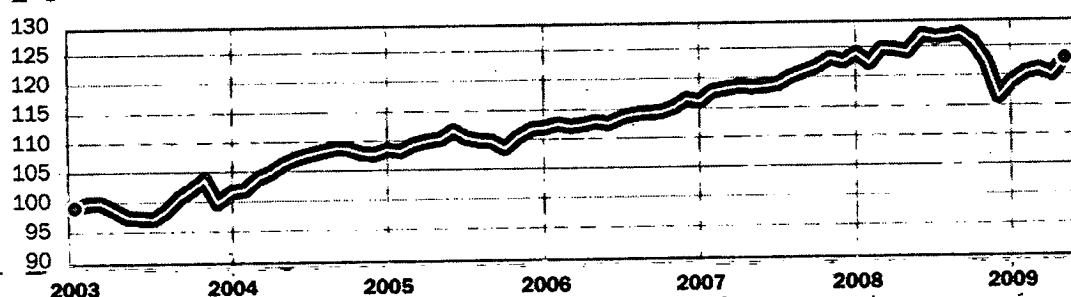
Os setores industriais que ainda sentem os efeitos da crise são o de bens de capital (máquinas e equipamentos), que já registrou queda de 60%, mas recuperou 10 pontos percentuais no segundo trimestre, e o complexo automobilístico (autopeças e pneus), que está se recuperando em função do corte do IPI, mas chegou a cair 35% no auge da turbulência. Dentre os que menos sentiram os impactos estão a indústria de alimentos (queda de 4%) e o setor de serviços (-2%), segundo o professor da Unicamp, Júlio Gomes de Almeida.

Apesar de projetar crescimento de 1,7% do PIB no segundo trimestre, o diretor de Pesquisa e Estudos Econômicos do Bradesco, Octavio de Barros, prevê contração de 0,5% da economia neste ano, em função do resultado ruim dos primeiros três meses de 2009. O Itaú estima alta de 2,3% em maio.

Arte JB

A TRAJETÓRIA DO CRESCIMENTO

PIB Mensal Itaú Unibanco (Índice com Ajuste Sazonal)



A estimativa do Itaú Unibanco aponta para forte elevação do PIB no 2º trimestre em relação ao 1º, já livre de efeitos sazonais. A alta de **2,3% em maio** e as projeções de crescimento da produção industrial e das vendas no varejo ampliado em junho abrem caminho para um vigoroso crescimento do PIB no período entre abril e junho.

► As indicações do PIB mensal para o 2º trimestre são de forte aumento da atividade econômica na margem, num ritmo de crescimento que é superior à média observada no período pré-crise

► A redução das alíquotas de IPI para o setor automobilístico em dezembro do ano passado foi uma das fontes propulsoras do crescimento da economia entre abril e junho.

► O Itaú Unibanco avalia que os efeitos marginais da redução do IPI nas vendas e na produção de veículos devem ser menores a partir de julho, o que implicará numa diminuição da velocidade de crescimento das vendas no varejo ampliado e na produção industrial no segundo semestre. A instituição projeta que o PIB não repetirá nos trimestres seguintes o desempenho de abril a junho e mantemos a expectativa de queda de **1% no PIB em 2009**.

► A Diretoria de Assuntos Macroeconômicos (Dimac) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que a produção industrial no Brasil crescerá **0,3% em junho**, na comparação com maio.

“
Maior demanda chinesa contribui para o aumento das exportações brasileiras

Leonardo Mello
economista do Ipea

1,7%

É a previsão do Bradesco para o crescimento do PIB de abril a junho

“

Não houve cancelamento de projetos, mas, sim, adiamento

Fernando Puga
chefe de Análises do BNDES

Economia - Brasil

→ Todos Cont. 070

sim, por que não?

menor no Brasil. Hoje, economistas e bancos confirmam que a recuperação está consolidada

CPDoc JB



VAREJO – Consumo interno é um dos principais responsáveis pelo aquecimento da economia em plena crise